

Uma análise inicial para os hipocorísticos do português brasileiro: morfologia avaliativa, molde prosódico e restrições fonológicas

An initial analysis for hypocoristics in Brazilian Portuguese: evaluative morphology, prosodic template and phonological constraints

César Elidio Marangoni Junior¹

RESUMO: Neste trabalho, analisamos os hipocorísticos mais comuns para cada um de 100 antropônimos do português brasileiro e defendemos que eles são um fenômeno gramatical e previsível. Em termos morfofonológicos, mostramos que eles são essencialmente monossílabos ou dissílabos e que seu conteúdo segmental é determinado pela manutenção de posições proeminentes do antropônimo (parte inicial ou sílaba acentuada). Em termos teóricos, analisamos os hipocorísticos no cerne da Morfologia Distribuída e propomos que eles são formados por um morfema avaliativo que recebe um item de vocabulário específico cuja exponência é dada por um afixo prosódico (um molde de sílaba ou pé segmentalmente deficiente) e que seu conteúdo segmental é preenchido na fonologia pós-sintática que permite a atuação de restrições de ancoragem e de marcação.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia não-concatenativa; hipocorísticos; interface morfologia-fonologia; morfologia avaliativa.

ABSTRACT: In this work, we analyze the most common hypocoristics for each of 100 Brazilian Portuguese anthroponyms and consider them as a grammatical and predictable phenomenon. In morphophonological terms, we show that they are essentially monosyllabic or dissyllabic and that their segmental content is determined by maintaining salient positions of the anthroponym (the initial part or the stressed syllable). Theoretically, we analyze them in the Distributed Morphology model and propose that they are formed by an evaluative morpheme that receives a specific Vocabulary Item whose exponence is given by a prosodic affix (a template of syllable or feet that is segmentally deficient); the morpheme's segmental content is filled only in the post-syntactic phonology, which allows the performance of anchoring and markedness constraints.

KEYWORDS: non-concatenative morphology; hypocoristics; morphology-phonology interface; evaluative morphology.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: cesar.marangoni@usp.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8228-3678>. Agradeço aos pareceristas anônimos pelos apontamentos extremamente pertinentes, à minha orientadora Ana Paula Scher pela interlocução e carinho nesses anos todos de mestrado e doutorado, à Beatrice Monteiro e à Natália de Grande pelas sugestões e pelos julgamentos, aos colegas do GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída) e ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa (processo 140333/2021-5).

1 Introdução

Num mundo ideal, conforme aponta Trommer (2008), a morfologia envolveria unicamente concatenação e variação. Nesse sentido, a morfologia seria a união entre sintaxe e fonologia e a exponência morfofonológica, isto é, a realização fonológica de uma dada informação morfológica (/veR/ para ‘ver’) ou de uma dada operação morfológica (/reveR/ para ‘rever’, formado a partir de uma operação de prefixação) se daria por um mecanismo essencialmente concatenativo com a variação restrita a casos de alomorfia fonologicamente condicionada. Todavia, existem certas operações morfológicas derivacionais que não são, num primeiro momento, compatíveis de maneira direta com uma análise nesses moldes e que, no decorrer da evolução das teorias morfofonológicas, receberam tratamentos marginais e assistemáticos, já que eram vistas como processos pouco produtivos e arbitrários. Entre tais processos de formação de palavras, estão os processos exemplificados em (1), os quais não possuem um estatuto transparente em termos de concatenatividade morfêmica, uma vez que se distanciam do comportamento da afixação e da composição clássicas.

- (1) a. Formas truncadas: brincs (brincadeira), padoca (padaria), strogo (strogonoff), cerva (cerveja);
- b. Hipocorísticos: Ju (Juliana), Quel (Raquel), Rafa (Rafaela/Rafael), Nanda (Fernanda);
- c. Fusões vocabulares: chafé (chá + café), namorido (namorado + marido), gratiluz (gratidão + luz), funknejo (funk + sertanejo);

Os processos elencados em (1) são comumente vistos como processos não-concatenativos de formação de palavras, uma vez que há algum tipo de rompimento da sucessão linear da base ou das bases que é realizado pela subtração de conteúdo segmental e pela sobreposição das bases no ponto de maior identidade fonológica. Nesse sentido, o presente artigo se justifica à medida que questiona a própria definição de não concatenatividade morfológica e o estatuto que os processos em (1) possuem nessa discussão. Na verdade, argumentamos que os processos não concatenativos revelam a necessidade de

uma análise que se volte para a observação da interface morfologia-fonologia: a exponência morfofonológica deve levar em conta a relação entre uma informação morfológica e uma informação prosódica, de modo que haja um mapeamento direto entre os limites morfológicos da palavra e sua configuração em termos silábicos e acentuais.

Especificamente, optamos por analisar, neste trabalho, o processo da hipocorização exemplificado em (1b), o qual, *grosso modo*, é um processo de formação de palavras que envolve exclusivamente a redução do corpo fônico de um antropônimo de modo a veicular um efeito semântico-pragmático de afetividade por parte do emissor em relação ao seu interlocutor ou à pessoa a que ele/ela faz referência. Esse fenômeno é uma subparte da área mais ampla da apelação, que leva em conta outras formas de se fazer referência a um dado ser humano, como a referência ao estado, à região ou ao país de origem do falante – Gaúcho, Italiano etc. – e a referência a características físicas dos falantes – Magrão, Cabeção etc.

O estudo aqui desenvolvido corresponde à análise dos hipocorísticos possíveis para um conjunto de 100 antropônimos, levando-se em conta as estratégias morfofonológicas possíveis que tais hipocorísticos revelam. A pergunta central que o artigo busca responder é se há previsibilidade em termos formais na formação dos hipocorísticos e, para isso, o critério de análise selecionado foi a caracterização do material do antropônimo que é mantido no hipocorístico, levando-se em conta aspectos da configuração silábica (quantas e quais sílabas são mantidas), de qual o tipo de ancoragem (manutenção da fronteira esquerda ou direita do antropônimo) e da pauta acentual (qual a influência que o acento do antropônimo tem na formação do hipocorístico).

Os resultados evidenciam que, na formação de um hipocorístico no português brasileiro (daqui em diante, PB), em termos morfoprosódicos, há a manutenção de posições fonética e fonologicamente proeminentes do antropônimo correspondente, como a sílaba acentuada, e as posições morfofonológicas mais salientes do antropônimo, a saber, a fronteira esquerda, que corresponde à parte inicial do nome próprio e que permite um acesso lexical mais rápido.

Em termos teóricos, assumimos o modelo da Morfologia Distribuída (daqui em diante, MD; cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), na acepção de Kastner e Tucker (2020) e Haugen (2011), segundo os quais a morfologia não concatenativa é dada pela junção entre uma sintaxe concatenativa e uma fonologia pós-sintática na qual restrições fonológicas estão ativas. Nesse sentido, tal versão está atrelada a um modelo híbrido de arquitetura da gramática que leva em conta a derivação sintática à lá MD e a adequação a um molde prosódico à la Teoria da Otimidade (daqui em diante, TO; cf. PRINCE; SMOLENSKY, 1993; BENUA, 1995). Assumimos que o hipocorístico é formado por uma raiz já categorizada à qual se adjunge um morfema avaliativo e que, na inserção de vocabulário, tal morfema avaliativo é realizado por um afixo prosódico de sílaba ou pé; na fonologia, restrições (morfo)fonológicas são checadas de modo a selecionar o conteúdo segmental do antropônimo que preencherá o conteúdo do afixo prosódico selecionado.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na seção “Revisitando a (não)concatenatividade morfológica”, abordamos as implicações semântico-pragmáticas e morfofonológicas da hipocorização e assumimos uma posição de não concatenatividade enquanto epifenômeno da afixação de um morfema avaliativo cuja exponência é dada por um afixo prosódico pré-especificado; na seção “Características morfofonológicas da hipocorização”, trazemos uma sistematização dos padrões observados nos dados analisados e depreendemos as tendências prosódicas mais salientes na formação dos hipocorísticos do PB; e na seção “Uma análise inicial da hipocorização”, propomos um esboço de análise para a hipocorização com base no modelo híbrido apresentado.

2 Revisitando a (não)concatenatividade morfológica

Na literatura morfofonológica, de maneira geral, considera-se que os processos morfológicos operam por linearidade e concatenatividade, de modo que uma peça morfológica é adicionada de maneira bem comportada à fronteira de outra peça morfológica, sem ocasionar grandes mudanças fonológicas na base. Todavia, existem processos morfológicos como a inflexão, a reduplicação e a morfologia subtrativa, que desafiam tal caráter linear e concatenativo da

morfologia. Bye e Svenonius (2012) elencaram seis características ((2)a-f) que constituem o chamado ideal concatenativo, de modo que todas as operações morfológicas cujo resultado viole alguma dessas características refletem um caso de morfologia não-concatenativa. Inkelas (2016) adicionou a essas características a assunção teórica em (2g).

(2) Ideal concatenativo (adaptado de BYE; SVENONIUS, 2012; INKELAS, 2016)

- a. Precedência própria: os morfemas são linearmente ordenados (sem sobreposição);
- b. Contiguidade: os morfemas são contíguos (sem descontinuidade);
- c. Aditividade: os morfemas são aditivos (sem subtração);
- d. Preservação dos morfemas: os morfemas são preservados quando outros morfemas são adicionados a eles (sem reescrita);
- e. Autonomia segmental: o conteúdo segmental de um morfema é livre de contexto (os morfemas não devem ter seu conteúdo segmental determinado pela entrada lexical de outro morfema);
- f. Disjuntividade: os morfemas são disjuntos uns dos outros (sem haplologia);
- g. Generalidade: o componente fonológico deve ser capaz de atuar sobre o *output* da morfologia numa maneira totalmente geral (sem exceções para ambientes morfológicos individuais).

Nesse cenário, os hipocorísticos violam essencialmente a característica de aditividade, uma vez que há perda de conteúdo segmental na palavra resultante quando comparada à palavra plena correspondente – Juliana > Ju, José > Zé. Além disso, dado o fato de que eles podem ser formados pela manutenção da parte inicial da palavra-fonte (Guilherme > Gui, Juliana > Ju) ou pela manutenção da parte acentuada da palavra-fonte (José > Zé, Isabel > Bel), isso pode ser visto como um indício de que eles violam a característica de generalidade, uma vez que o componente fonológico atua de maneira diversa

sobre o output da morfologia², seguindo padrões de formação diferentes para palavras que são da mesma categoria (são antropônimos).

Antes de sistematizarmos o tratamento teórico vinculado à morfologia não-concatenativa, no geral, e aos hipocorísticos, em particular, nos estudos morfofonológicos, cabe explicitar qual o limite entre truncamentos ((1)a) e hipocorísticos ((1)b). De maneira geral, os truncamentos são o resultado de um processo de formação de palavras em que a categoria morfológica é tipicamente marcada pela falta de material segmental na forma derivada quando comparada à forma de base. Nesse cenário, seguimos Alber e Arndt-Lappe (2012) na classificação dos hipocorísticos como um subtipo dos truncamentos templáticos, nos quais o tamanho da forma derivada é previsível (no caso das formas truncadas, formam-se dissílabos ou trissílabos geralmente: *sobra* (sobrancelha) e *madruga* (madrugada)); no caso da hipocorização, há uma previsibilidade da forma derivada em termos de configuração prosódica (formam-se monossílabos ou dissílabos).

A literatura morfofonológica elenca duas abordagens gerais para os processos não-concatenativos: a abordagem extragramatical e a abordagem epifenomenal. O caráter subtrativo dos hipocorísticos leva autores como Mattiello (2013) a considerá-los como resultados de um processo extragramatical de formação de palavras, já que algum princípio regular da gramática morfológica seria violado, de modo que seria necessário postular regras específicas para os morfemas (ou para a formação de palavras) ou restrições que deem conta do comportamento de tais realidades linguísticas, visto que elas não decorrem da fonologia e/ou da morfologia regulares. Segundo a autora, tais formações apresentam certas irregularidades, como a existência de *outputs* alternativos, a impossibilidade de analisá-los por meio da apreensão de morfemas, a não existência de um núcleo bem definido, a existência de subtração irregular de conteúdo fonológico, a não alteração de significado, a não alteração de categoria gramatical e a possibilidade de existirem *inputs* de categorias diversas. A autora também considera que há certas regularidades em tais formações, como o padrão

² Agradecemos a um(a) parecerista anônimo(a) que sugeriu o termo ‘*output* da morfologia’, com base em Inkelas (2016), visto que, segundo ele(a), os resultados do processo também formam palavras morfológicas.

inicial prototípico, a tendência a existir um *input* polissilábico ou formado por várias palavras, a formação de um *output* monossilábico ou dissilábico, a existência de um padrão prosódico rígido, a manutenção de formas salientes/proeminentes, a possibilidade de adquirirem um estatuto de palavra e a possibilidade de serem bases de outros processos morfológicos.

Analisando as irregularidades postuladas por Mattiello (2013), podemos perceber que algumas delas, como a não alteração da categoria gramatical e a possibilidade de o *input* ser de categorias distintas, são problemáticas devido ao modelo teórico adotado pela autora, a saber, a Morfologia Natural, que analisa a morfologia por meio de regras de analogia, e que, portanto, exige uma sistematicidade em termos do modelo e do produto de tais regras comparativas. Além disso, conforme veremos adiante, os dados de hipocorísticos mostram que a subtração de material fonológico característica da hipocorização não é irregular, uma vez que ela leva em conta posições proeminentes da palavra-fonte (a parte inicial e a sílaba acentuada), e há uma alteração do significado, de modo que o hipocorístico veicula um significado semântico-pragmático de afetividade.

A abordagem epifenomenal, por sua vez, analisa a morfologia não-concatenativa como um epifenômeno, isto é, uma consequência natural do comportamento morfofonológico de certas formações, e é derivada da afixação de primitivos fonológicos que são independentemente motivados. Nessa hipótese, os casos de morfologia aparentemente excepcionais derivam da própria gramática regular do falante e mostram a importância de explicitarmos como se dá a interação entre morfologia e prosódia no nível da palavra. Nesse cenário, a não-concatenatividade tem sido reinterpretada como uma realidade fonológica e não morfológica.

A sistematização das relações entre morfologia e prosódia tem início com a Morfologia Prosódica (cf. McCARTHY; PRINCE, 1996, 1998), a qual surge, inicialmente, pela análise dos padrões existentes nas línguas semíticas (principalmente o hebraico) e as imposições fonológicas à realização das informações morfológicas. A teoria em questão evidencia o fato de que certas construções morfológicas impõem um formato fonológico específico ao radical que ela cria, de maneira que o molde surge como uma forma de prever a forma fonológica e prosódica de uma dada informação morfológica; ele passa a ser visto

como uma restrição ao tamanho ou ao formato de um dado afixo, radical ou palavra e pode fazer referência a qualquer um dos níveis prosódicos passíveis de aplicação no âmbito da palavra (palavra prosódica, pé silábico, sílaba e mora).

Com o advento da Teoria da Otimidade (daqui em diante, TO), a hipótese da Morfologia Prosódica foi substituída pela Teoria dos Moldes Generalizados (McCARTHY; PRINCE, 1994, 1995). Originalmente, essa teoria tinha como hipótese a não existência de moldes nos casos de reduplicação, sendo que o fato de os reduplicantes serem da extensão de uma sílaba ou de uma palavra diz respeito a restrições fonológicas e ao fato de, subjacentemente, o reduplicante ser uma raiz ou um afixo – o mapeamento morfologia-fonologia definia a extensão dos reduplicantes como monossilábicos para os afixos, e como palavras prosódicas para os radicais.

No cerne da TO, a postulação de restrições específicas para os fenômenos prosódicos baseados em moldes foi substituída por uma família de restrições que dá conta dessa relação entre reduplicante e base: a Teoria da Correspondência (BENUA, 1995). Estendendo a proposta para os casos de truncamento, Benua (1995) observa a necessidade de uma análise transderivacional para os hipocorísticos: é necessário que o hipocorístico tenha acesso à forma prosodizada e acentuada da palavra-fonte para que ele possa fazer referência a posições salientes da palavra-fonte e, como a silabificação e a acentuação ocorrem na passagem do *input* para o *output*, os hipocorísticos precisam de restrições *output-output* para ter seu formato definido.

Os desdobramentos atuais da Morfologia Prosódica assumem a visão epifenomenal da não concatenatividade. Entre eles, a Afixação de Mora Generalizada (TROMMER; ZIMMERMANN, 2014) defende que a não concatenatividade é um epifenômeno da afixação de nós prosódicos, sendo, portanto, um efeito fonológico e não o resultado de um processo morfológico a que as palavras estão sujeitas. Há uma reinterpretação da exponência morfofonológica de modo que ela possa ser feita por meio de afixos prosódicos que façam referência aos níveis da Hierarquia Prosódica (cf. NESPOR; VOGEL, 1986); além disso, é necessário um mecanismo que leve ao preenchimento dos moldes prosódicos abstratos em questão, de forma que segmentos específicos da palavra-fonte sejam mantidos na forma final.

A presente análise assume a visão epifenomenal da não concatenatividade com base na observação dos padrões de formação de hipocorísticos a ser explicitada na próxima seção. Nesse cenário, assumimos a visão de Bye e Svenonius (2012), que defendem que os efeitos não concatenativos surgem da maneira pela qual a fonologia lida com as raízes/os radicais e os afixos que são segmentalmente deficientes (eles consistem unicamente de informação prosódica) e que são pré-especificados em termos das unidades prosódicas da Hierarquia Prosódica como a palavra prosódica e o pé. Em termos da configuração da arquitetura da gramática do falante, a assunção feita acima se insere no chamado consenso atual sobre a não concatenatividade de Kastner e Tucker (2020), segundo o qual a morfologia não concatenativa não é algo gramaticalmente especial, mas sim codifica interações modulares entre componentes diferentes da gramática.

De maneira inicial, seguimos Alber, Arndt-Lappe e Kokkermans (2021) na assunção de que o truncamento morfológico expressa uma função semântico-pragmática (afetividade, jocosidade, familiaridade) e apresenta uma previsibilidade em termos formais (molde prosódico e manutenção de posições fonética e morfológicamente proeminentes) – ver (3). Em termos semântico-pragmáticos, assumimos que os hipocorísticos são um tipo de morfologia avaliativa da mesma forma que Körtvélyessy (2015), segundo a qual a morfologia avaliativa é o rótulo utilizado para descrever objetos linguísticos que satisfazem uma condição de significado (indicam a posição do falante acerca de um evento, uma pessoa ou um objeto, codificando sua interpretação acerca disso) e uma condição de estrutura (uma base e uma marca avaliativa, sendo que tal marca pode ser dada, por exemplo, por um sufixo, um prefixo, uma forma truncada, uma fusão vocabular etc). Uma análise nesses moldes permite agrupar diferentes tipos de morfologia avaliativa por meio de um mesmo morfema avaliativo [Eval], que apresenta uma contraparte formal e uma contraparte de significado.

(3) Sistematização da proposta

- a. [EVAL]FORMA: sufixo (-oc, -inh, -ão), afixo prosódico (pé, sílaba, palavra prosódica)³;
- b. [EVAL]CONTEÚDO: afetividade, pejoratividade, diminutivo, aumentativo.

3 Características morfofonológicas da hipocorização

Na seção anterior, vimos que a hipocorização é um processo de formação de palavras que desafia a visão canônica de que a morfologia é aditiva, uma vez que estamos diante de uma operação morfológica cuja exponência é dada pela perda de conteúdo segmental da palavra plena correspondente. Nesta seção, classificamos os hipocorísticos possíveis para um conjunto de 100 antropônimos, sendo 50 masculinos e 50 femininos, de acordo com os seguintes critérios de análise: o número de sílabas do hipocorístico formado, a ancoragem, que diz respeito à manutenção da fronteira esquerda ou direita do hipocorístico, e a pauta acentual do hipocorístico comparada à pauta acentual do antropônimo correspondente.

A seleção do *corpus* foi feita com base na observação dos antropônimos mais comuns no período da década de 1930 até os dias atuais segundo o IBGE.⁴ Dos antropônimos presentes no censo citado, foram selecionados 44 e 36 antropônimos femininos e masculinos, respectivamente; para se chegar a um total de 100 antropônimos, optamos por adicionar 6 antropônimos femininos e 14 antropônimos masculinos com base em nomes bastante comuns, mas que não foram produtivos o suficiente para fazerem parte da pesquisa. Os antropônimos desconsiderados eram datados e, portanto, não são tão recorrentes no Brasil atual.

³ A hipótese central do artigo é que fusões vocabulares e truncamentos, por exemplo, envolvem um morfema avaliativo. A diferença entre os dois está no afixo prosódico selecionado: para os hipocorísticos, ele pode ter o tamanho de uma sílaba ou de um pé, enquanto para as fusões vocabulares, ele pode ter o tamanho de uma palavra prosódica (cf. ZIMMERMANN; TROMMER, 2012).

⁴ Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/ranking>.

Com base na observação da relação antropônimo-hipocorístico observada em nosso estudo, chegamos à sistematização em (4), que indica os padrões de ancoragem observados em todos os dados do nosso *corpus*. Os critérios utilizados nessa primeira classificação foram a porção segmental do antropônimo que é mantida no hipocorístico (sílabas inicial ou sílaba final) e a influência que a pauta acentual do antropônimo tem na formação do hipocorístico (se a sílaba acentuada do antropônimo é mantida ou não). Na análise que faremos a seguir, consideraremos o total de 136 hipocorísticos estipulados como formações possíveis para cada um dos antropônimos em questão, pois optamos por analisar individualmente cada um dos dados apresentados em (4j), de modo que, por exemplo, um antropônimo como Isabela aparece duas vezes no total de hipocorísticos porque possui dois hipocorísticos possíveis (Isa e Bela).

(4) Padrões de formação dos hipocorísticos no PB⁵

- a. Manutenção da sílaba inicial: Má (Maria), Ju (Juliana), Vi (Vitória), Gi (Giovana), Dai (Daiane), Pri (Priscila), Rê (Renata), Cris (Cristiane), Lu (Luciana), Lu (Luiz), Gui (Guilherme), Di (Diego), Ti (Tiago), Lê (Leandro), Lu (Luciano), Bê (Bernardo);
- b. Manutenção da sílaba inicial (acentuada): Bru (Bruna), Jê(s) (Jéssica), Ju (Júlia), Clau (Cláudia), Lu (Lucas), Vi (Vitor), Will (William);
- c. Manutenção da sílaba inicial e da segunda sílaba: Bia (Beatriz), Gabi (Gabriela), Jaque (Jaqueline), Tati (Tatiane), Dani (Daniela), Fabi (Fabiana), Manu (Manuela), Rafa (Rafaela), Rafa (Rafael), Mano (Manoel), Jeff (Jeferson), Fred (Frederico), Nick (Nicolas), Léo (Leonardo), Rick (Ricardo);

⁵ Um(a) parecerista anônimo(a) observa que o artigo não aborda casos em que há sobreposição de estratégias hipocorísticas (Xandão, Xandinho, Belinha). Para os fins deste artigo, restringimos o *corpus* aos casos que envolvem unicamente a redução fônica do antropônimo, sem estratégias adicionais. Esperamos voltar a esse ponto em trabalhos futuros; em termos teóricos, parece que, nesses casos, teríamos que postular dois morfemas avaliativos diferentes e cada um receberia uma exponência (o que é interessante, nesses casos, é que o truncamento parece sempre ser sempre a estratégia formal mais próxima da raiz). Ele(a) ainda observa que Bebel é um apelido possível para Isabel, mas aqui temos duas estratégias de apelidação: o truncamento e a reduplicação.

- d. Manutenção da sílaba inicial e da segunda sílaba (acentuada): Pati (Patrícia), Lari (Larissa), Vini (Vinícius);
- e. Manutenção da sílaba final (acentuada): Zé (José), Dé (André), Tur (Arthur), Tor (Heitor), João (João)⁶;
- f. Manutenção da sílaba acentuada e da sílaba final: Tônia (Antônia), Beth (Elizabeth), Neia (Ednéia), Déia (Andréia), Tonho (Antônio), Rick (Henrique);
- g. Manutenção da sílaba inicial com queda da vogal inicial: Du (Eduarda);
- h. Manutenção da penúltima sílaba e da sílaba final (acentuada): Tião (Sebastião);
- i. Diminutivo: Aninha (Ana), Sandrinha (Sandra), Sarinha (Sara), Carlinha (Carla), Larinha (Lara), Carlinhos (Carlos), Paulinho (Paulo), Marcos (Marquinho(s)), Serginho (Sérgio), Jorginho (Jorge), Cesinha (César);
- j. Variação: Fran/Chica (Francisca), Adri/Dri (Adriana), Má/Marcinha (Márcia), Fer/Nanda (Fernanda), Li/Line (Aline), Cami(s)/Mila (Camila), Manda/Amandinha (Amanda), Lê/Leti(s) (Letícia), Van/Nessa (Vanessa), Má/Mari (Mariana), Isa/Bela (Isabela), Lu/Lua (Luana), Bi/Bia (Bianca), Eli/Li (Eliane), Alê/Lê (Alessandra), Bá/Babi (Bárbara), Isa/Bel (Isabel), Fran/Chico (Francisco), Pê/Pedrinho (Pedro), Gabi(s)/Biel (Gabriel), Dan/Dani (Daniel), Má/Celo (Marcelo), Bru/Bruninho (Bruno), Edu/Du (Eduardo), Fê/Lipe (Felipe), Joca/Quim (Joaquim), Rô/Rod(s) (Rodrigo), Má/Teus (Mateus), Gus/Gusta (Gustavo), Fá/Fabinho (Fábio), Fe(r)/Nando (Fernando), Alê/Lê/Xande (Alexandre), Rô/Beto (Roberto), Má/Marcinho (Márcio), Régis/Naldo (Reginaldo)

⁶ No caso de João, consideramos que apenas a sílaba final acentuada foi mantida no hipocorístico, apesar da posição de *onset* da sílaba mantida estar ocupada pela mesma consoante que preenche o *onset* da sílaba inicial do antropônimo correspondente (João). Trata-se de um dado isolado, que não representa uma classe bem definida de padrões de formação de hipocorísticos no PB.

A partir dos dados acima⁷, podemos perceber que o uso do sufixo de diminutivo *-inho*, por exemplo, é um dos padrões mais produtivos na formação de apelidos no PB. A análise das bases às quais o diminutivo se liga nos permite observar uma sistematicidade aparente: a afixação diminutiva parece substituir a hipocorização nos casos de antropônimos dissilábicos em que a sílaba acentuada é a sílaba inicial. Em antropônimos formados por duas sílabas em que a vogal que preenche a posição de núcleo da sílaba inicial é a vogal /u/, há também estratégia de manutenção apenas da sílaba inicial (Lu (Lucas), apesar de Luquinhas também ser possível). A produtividade do diminutivo em casos em que a redução fônica representada pela hipocorização parece não ser uma opção desejável nos mostra que eles possuem características semântico-pragmáticas semelhantes e podem fazer referência à afetividade existente entre os interlocutores – são casos de morfologia avaliativa.

Levando-se em conta todos os dados (inclusive os dados de variação), a Tabela 1 traz uma sistematização informal dos padrões mais comuns de formação de apelidos a partir de antropônimos: manutenção da parte inicial do antropônimo (tanto somente a inicial quanto a inicial e a segunda sílaba), manutenção da sílaba acentuada do antropônimo (tanto quando ela corresponde à última sílaba quanto quando ela corresponde à penúltima sílaba, havendo manutenção da última sílaba também), casos mistos (em que há coincidência entre a parte inicial e a parte acentuada do antropônimo; aqui, foram agrupados os casos em que a sílaba inicial é a sílaba acentuada do antropônimo (Bruna > Bru) e os casos em que o hipocorístico é formado pela manutenção dos segmentos desde a sílaba inicial até a sílaba acentuada (Larissa > Lari)) e diminutivos. Uma primeira conclusão que podemos tirar a partir da Tabela é que a manutenção de porção inicial do antropônimo é a estratégia mais comum de formação de hipocorísticos no PB.

⁷ Conforme aponta um(a) parecerista anônimo(a), os antropônimos escolhidos podem ter hipocorísticos recaindo em mais de uma tipologia, de modo que a elaboração e a aplicação de algum teste que indique a preferência (ou transparência, a partir do hipocorístico) traria resultados interessantes para os objetivos do artigo. Este teste, todavia, ainda não foi realizado, mas ele faz parte dos desdobramentos futuros da pesquisa.

Tabela 1 – Padrões mais comuns de formação de hipocorístico no PB

Tipo	Frequência em número absoluto	Porcentagem
Manutenção da parte inicial	66	48,5%
Manutenção da sílaba acentuada	31	22,8%
Manutenção da parte inicial e acentuada	22	16,2%
Diminutivos	17	12,5%
Total	136	100%

Fonte: Elaboração própria.

Podemos perceber, portanto, que há uma tendência em se manter partes proeminentes da base, corroborando a argumentação de Alber e Arndt-Lappe (2023) e de outros autores que já se voltaram para o estudo dos hipocorísticos do PB (GONÇALVES, 2004, 2006; MARTINI, 2010). Isso também corrobora a observação de Beckman (1997), que define que existem posições privilegiadas que possuem vantagens perceptuais quando comparadas às outras em termos do sistema de processamento, sejam tais vantagens psicolinguísticas - maior grau de acesso lexical - ou fonéticas - duração aumentada, amplitude, acento, entre outros; no caso dos hipocorísticos, tais vantagens estão ligadas à manutenção da fronteira inicial e da sílaba acentual do antropônimo, respectivamente.

Em termos silábicos, dos padrões separados em (4), podemos perceber que antropônimos com mais de três sílabas tendem⁸ a formar hipocorísticos com

⁸ Um(a) parecerista anônimo(a) aponta que uma das questões que o artigo deixa em aberto é como saber qual o hipocorístico mais comum porque não fica claro como os hipocorísticos se comportam em termos de frequência. Além disso, ele(a) questiona se não poderia haver uma diferença regional ou mesmo individual e, caso haja, como seria possível atribuir uma generalização tão contundente em termos morfosprosódicos. Ressaltamos aqui que a seleção do *corpus* e a análise dos dados não leva em conta a frequência das formações, mas sim os padrões disponíveis para a formação de hipocorísticos de modo a se observar as possibilidades e as impossibilidades de hipocorização no PB. Nesse ponto, aplicamos a classificação dos padrões de truncamento utilizada por Alber e Arndt-Lappe (2023) para os dados do PB e seguimos a metodologia de análise das autoras. É inegável que possa haver uma diferença regional e individual; a primeira pode ser alvo de estudos sociolinguísticos, porém essa abordagem foge ao escopo desse artigo; comentamos sobre a segunda na seção de análise teórica. Ressaltamos, ainda,

apenas uma sílaba, como é o caso de Juliana > Ju e Adriana > Dri, que contêm ambas quatro sílabas. Nomes contendo três sílabas, como Antônia e Francisco, tendem a ser reduzidos para dissílabos: Tônia e Chico. Antropônimos com duas sílabas tendem a formar hipocorísticos monossílabos (Jão (João), Zé (José)) ou receberem sufixos de diminutivo (Aninha (Ana), César (Cesinha)). Existem antropônimos com três sílabas que podem apresentar dois tipos de formação de hipocorísticos: monossílabos (Fran (Francisca), Dan (Daniel)) ou dissílabos (Chica (Francisca), Dani (Daniel)). Além disso, antropônimos com quatro sílabas formados por uma sílaba inicial preenchida unicamente por uma vogal, como Eliane e Adriana, podem formar hipocorísticos com ou sem a vogal em questão caso haja alinhamento à esquerda: (E)Li e (A)Dri; todavia, quando a vogal inicial é [i], isso parece não ser possível: Isa (Isabela), mas não *[‘za].⁹

No que diz respeito ao número de sílabas dos hipocorísticos analisados, podemos perceber que há exclusivamente monossílabos e dissílabos. Do total de 119 dados observados (número a que chegamos ao subtrair os casos de sufixação diminutiva¹⁰ apresentados na Tabela 1), 62 dados são monossílabos (52%) e 57 dados são dissílabos (48%). A partir disso, podemos chegar à conclusão de que a hipocorização envolve essencialmente dois tipos de informações da Hierarquia Prosódica: a sílaba e o pé. Quando o afixo prosódico selecionado é pré-especificado como uma sílaba, temos a formação de um hipocorístico monossílabo; quando o afixo prosódico selecionado é pré-especificado como um pé, temos a formação de um hipocorístico dissílabo.

Outro ponto a ser observado é a questão da marcação. Segundo Gonçalves (2004, 2006), os hipocorísticos, por se assemelharem à linguagem infantil, possuem uma tendência a apresentar estruturas menos marcadas, isto é, estruturas sem *onset* e coda complexos. Nos dados analisados, podemos perceber

que utilizamos o termo “tendência” justamente para reforçar o fato de que não se trata de generalizações absolutas, mas sim possibilidades de formação.

⁹ Outro ponto que merece ser investigado é a relação entre a configuração da sílaba acentuada e ancoragem à esquerda. Parece haver uma tendência em se manter a porção inicial do hipocorístico quando ele apresenta uma sílaba acentuada formada unicamente por uma vogal, sem *onset* silábico: Manuela > Manu, Rafaela > Rafa, Juliana > Ju, Janaína > Jana, Mariana > Mari, Tatiana > Tati etc.

¹⁰ Para a hipótese que estamos desenvolvendo aqui, assumimos que, nesses casos, o morfema [Eval] é realizado fonologicamente como o afixo de diminutivo (item de vocabulário [Eval] ↔ /inho/).

que, primeiro, há uma tendência à redução de encontros consonantais, produzindo-se formas como Xande (Alexandre) e Dé (André), em que há simplificação de um *onset* ramificado. Todavia, isso não é categórico, de modo que estruturas com *onset* ramificado são possíveis - Dri (Adriana), Fred (Frederico) e Fran (Francisca), por exemplo. As sílabas dos hipocorísticos monossilábicos parecem apresentar coda preenchida apenas quando há a manutenção da sílaba final tônica com coda preenchida do antropônimo: Tur (Arthur); aqui, porém, isso parece estar restrito a monossílabos (Quel (Raquel) tem coda preenchida por conta do ditongo também), de forma que *Bar não é um hipocorístico possível para Bárbara.

Com relação à ancoragem a posições proeminentes da palavra plena correspondente, Alber e Arndt-Lappe (2023) levam em conta a proeminência fonética, que diz respeito ao material acentuado, e a proeminência de fronteira, que diz respeito à parte inicial ou final das palavras, as quais auxiliam no reconhecimento e no acesso lexical. Nesse sentido, existem três tipos de ancoragem: a ancoragem métrica ocorre quando a vogal acentuada da forma truncada é a mesma que a vogal acentuada da forma plena correspondente; a ancoragem inicial é aquela em que o elemento mais à esquerda na forma truncada corresponde ao elemento mais à esquerda da base; e a ancoragem final é aquela em que o elemento mais à direita da forma truncada corresponde ao elemento mais à direita da base. Conforme apontam as autoras, na maioria dos casos, os segmentos na forma truncada são uma cadeia contígua¹¹ tanto na base quanto no truncamento e, na grande maioria desses casos, um dos três tipos de ancoragem citados é suficiente para descrever o padrão, apesar de poder existir sobreposição entre eles.

Conforme vimos nessa seção, os hipocorísticos do PB são monossílabos ou dissílabos e são formados pela manutenção de posições salientes do antropônimo

¹¹ Conforme aponta um(a) parecerista anônimo(a), há a possibilidade de os segmentos do hipocorístico não corresponderem a uma cadeia contígua na base, como é o caso de João > Jão, em que a consoante inicial não está numa posição adjacente à vogal acentuada na forma de base. Trata-se de uma observação importante e para a qual esperamos voltar em trabalhos futuros no sentido de investigar quais padrões de formação de hipocorísticos parecem ser impossíveis ou menos frequentes; como hipótese inicial, parece que manutenção de conteúdo medial, de sílaba final não acentuada e de cadeias não contíguas dos antropônimos são padrões menos utilizados na formação de hipocorísticos.

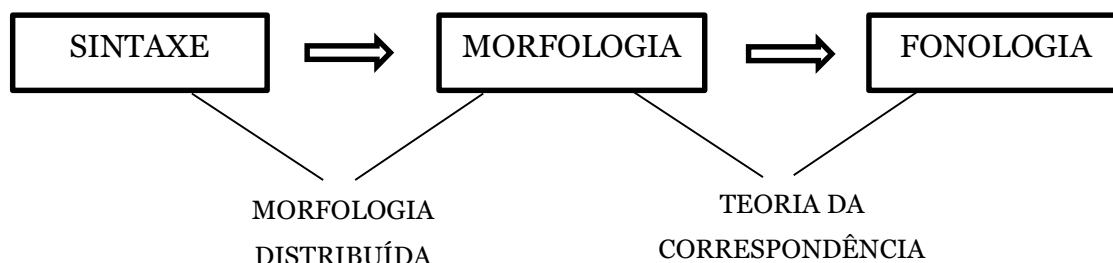
(fronteira esquerda ou sílaba acentuada). Na próxima seção, são apresentados os itens de vocabulário e as restrições fonológicas atuantes da derivação dos hipocorísticos.

4 Uma análise inicial para a hipocorização

Processos não-concatenativos de formação de palavras são desafiadores para modelos derivacionais e modulares como a Morfologia Distribuída (daqui em diante, MD; HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), uma vez que exponências de caráter subtrativo não são esperadas e, para algumas versões do modelo, não são sequer possíveis. Nesse sentido, a hipocorização seria considerada como um processo extragramatical de formação de palavras. Nessa seção, propomos que tais processos podem ser explicados pela arquitetura do modelo desde que se assuma que o componente fonológico contenha uma teoria de outputs fonológicos (HAUGEN, 2011). Trata-se de uma abordagem inicial para o fenômeno e que defende que a hipocorização é concatenativa em termos morfossintáticos e seu caráter não-concatenativo é derivado da forma como a inserção de fonologia é dada e influenciada por restrições de cunho fonológico.

Haugen (2011) constata que a reduplicação e outros tipos de morfologia prosódica precisam de uma teoria de *outputs* fonológicos, isto é, de uma teoria em que a morfossintaxe deriva a representação que precisa ser instanciada morfofonologicamente (via *Spell-Out* e inserção de vocabulário) de modo que o componente fonológico envolve um ranking de restrições que toma o *output* da morfossintaxe para produzir um *output* de PF (do inglês, *Phonetic Form*), que é o *output* ótimo dado um ranqueamento de restrições fonológicas específicas de uma língua. O ranking de restrições é uma espécie de filtro: ele serve como a interface entre a estrutura morfológica e o sistema sensório-motor; para isso, ele contém um ranking específico de restrições universais de marcação intercaladas com restrições de fidelidade específicas. O esquema em (5) sintetiza o modelo híbrido de arquitetura de gramática proposto pelo autor, o qual será assumido neste artigo.

(5) Modelo híbrido de arquitetura da gramática (adaptado de HAUGEN, 2011, p. 20)

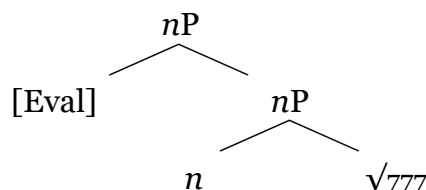


Haugen (2011) propôs uma análise para os casos de reduplicação no cerne da MD, contrapondo-se a trabalhos anteriores que consideravam a reduplicação como decorrente da aplicação de regras de reajuste desencadeadas pela presença de um afixo sintático nulo em termos fonológicos (RAIMY, 2000; FRAMPTON, 2009); uma análise do truncamento enquanto decorrente de afixos sintáticos com exponência nula que desencadeiam reajustes fonológicos, todavia, não é uma assunção teórica desejável e econômica uma vez que envolve uma proliferação de afixos nulos e concede às regras de reajuste um caráter fortuito à medida que elas são capazes de realizar regras (morfo)fonológicas de natureza distintas (cópia de segmentos e subtração de conteúdo fonológico, por exemplo). O autor, por sua vez, argumenta em favor de uma análise por afixação que envolve um morfema reduplicativo afixal, o qual aparece como o item de vocabulário escolhido para realizar um dado nó sintático; o padrão de reduplicação a ser escolhido para cada afixo reduplicativo (cópia total da raiz ou cópia da sílaba inicial da raiz, por exemplo) é especificado para cada item de vocabulário com base nas raízes à qual ele se adjunge.

Neste artigo, assumimos que um modelo híbrido de arquitetura da gramática como (5) consegue explicar de maneira satisfatória os aspectos morfossintáticos, semântico-pragmáticos e morfofonológicos envolvidos na hipocorização. Nesse sentido, a hipocorização envolve quatro itens de vocabulário diferentes que especificam as informações fonológicas ligadas ao morfema avaliativo em questão, especificando, para um dado conjunto de raízes, o tipo de encurtamento a ser realizado (manutenção da parte inicial ou da parte acentual da base).

Primeiramente, na derivação dos hipocorísticos, há a seleção de uma raiz (que corresponde ao antropônimo), de um núcleo categorizador nominal (*n*) e de um morfema avaliativo (responsável pela leitura afetiva que tais formações apresentam) a partir da Lista 1 de modo a se formar a estrutura sintática em (6) para esses casos.

(6) Árvore sintática para os hipocorísticos¹²



O morfema avaliativo [Eval] está presente em outras análises para fenômenos não concatenativos como Scher (2018), Scher e Marangoni Junior (2020) e Marangoni Junior (2021a).¹³ Nessas análises, o morfema avaliativo apresenta uma função semântico-pragmática: para Scher (2018), ele veicula uma leitura apreciativa que modifica a leitura canônica da raiz das formas nominais truncadas; para Marangoni Junior (2021a), ele está ligado a uma modificação semântica (diminutivo, aumentativo, pejorativo e afetivo) que tem um efeito pragmático no discurso (ironia, eufemismo, jocosidade etc.) no caso das fusões vocabulares. Aqui, assumimos que tal morfema é relevante para a derivação porque modifica a leitura semântica canônica do antropônimo através da adição de uma camada semântico-pragmática de afetividade e informalidade. Além

¹² Em nossa análise, assumimos a visão de raiz de Harley (2014), no sentido de que a raiz corresponde a um índice, sendo desprovida de categoria, fonologia e semântica.

¹³ Em um artigo sobre morfologia avaliativa em MD, Marangoni Junior (2021b) discute a hipótese de que o morfema avaliativo não está presente desde a Lista 1 com base no argumento de Körtvélyessy (2015), segundo o qual a morfologia avaliativa é um fenômeno areal: de um conjunto de 203 línguas, 58 de tais línguas (que corresponde a 29%) não possuem qualquer tipo de morfologia avaliativa (diminutivos, aumentativos, pejorativos e afetivos). Além disso, tal morfema parece não desencadear nenhum tipo de movimento sintático, por exemplo, e ser unicamente um morfema responsável pela mudança no conteúdo semântico em uma estrutura de adjunção (não há mudança na categoria da base, por exemplo). A caracterização morfossintática e morfopragmática do aspecto avaliativo envolvido nos processos não concatenativos é um ponto em aberto dentro das teorias morfológicas e ao qual esperamos retornar em trabalhos futuros.

disso, o morfema em questão é relevante para PF, visto que recebe um item de vocabulário específico.

Na versão da MD que assumimos aqui, a inserção de vocabulário é reinterpretada de modo que a especificação fonológica de um dado item de vocabulário possa levar em conta primitivos prosódicos independentemente motivados. Postulamos um diálogo da inserção de vocabulário à lá MD com a visão de exponência defendida pela Afixação de Mora Generalizada (TROMMER; ZIMMERMANN, 2014) para os casos de morfologia não concatenativa, segundo a qual a não concatenatividade é um epifenômeno da afixação de nós prosódicos, sendo, portanto, um efeito fonológico e não o resultado de um processo morfológico a que as palavras estão sujeitas. A afixação de nós prosódicos diz respeito ao fato de que certas informações morfológicas podem ter associadas a elas uma informação de cunho prosódico segmentalmente deficiente: a realização fonológica em questão é um molde pré-especificado com base nos níveis da Hierarquia Prosódica, que engloba sílabas, moras, pés e palavras prosódicas no nível da palavra, cujo conteúdo segmental é preenchido com base em restrições que selecionam, entre os candidatos possíveis, aquele que mantém os segmentos necessários da raiz à qual o morfema avaliativo se adjunge.

Conforme vimos na seção anterior, os hipocorísticos do PB são essencialmente monossilábicos e dissilábicos e mantêm a fronteira esquerda ou a vogal acentuada da base. Assumimos que a hipocorização envolve quatro afixos prosódicos¹⁴ diferentes: σ_1 , σ_2 , Σ_1 e Σ_2 . Em (7), trazemos a sistematização de cada um dos itens de vocabulário que postulamos. O item (7a) faz referência aos hipocorísticos monossílabos formados pela manutenção da fronteira esquerda/inicial do antropônimo; o item (7b) faz referência aos hipocorísticos monossílabos formados pela manutenção da vogal acentuada do antropônimo; o item (7c) faz referência aos hipocorísticos dissílabos formados pela manutenção da fronteira esquerda/inicial do antropônimo; e o item (7d) faz referência aos

¹⁴ Utilizamos o termo “afixo prosódico” para nos referirmos à especificação fonológica do item de vocabulário; apesar de ser denominado como “afixo prosódico”, ele parece ser uma espécie de molde que determina a caracterização fonológica da forma de *output* dos hipocorísticos. Conforme defendem Kastner e Tucker (2020), um modelo que não se vale de moldes – usando unicamente restrições morfofonológicas – é mais desejável e econômico; este é outro ponto que precisa ser melhor investigado.

hipocorísticos dissílabos formados pela manutenção da vogal acentuada do antropônimo (que preenche o núcleo da penúltima sílaba) e da sílaba final. A escolha dos itens de vocabulário é determinada contextualmente (alomorfia contextual supletiva): cada um deles é selecionado por um conjunto específico de raízes.

(7) Itens de vocabulário para [Eval]¹⁵

- a. [Eval] $\leftrightarrow \sigma_1$ ($\sim \sigma_{\text{inicial}}$) / { $\sqrt{\text{JULIANA}}$, $\sqrt{\text{LUCIANA}}$, $\sqrt{\text{GUILHERME}}$, ...};
- b. [Eval] $\leftrightarrow \sigma_2$ ($\sim \sigma_{\text{acentuada}}$) / { $\sqrt{\text{ANDRÉ}}$, $\sqrt{\text{ARTUR}}$, $\sqrt{\text{JOSÉ}}$, ...};
- c. [Eval] $\leftrightarrow \Sigma_1$ ($\sim \Sigma_{\text{inicial}}$) / { $\sqrt{\text{MANOELA}}$, $\sqrt{\text{RAFAELA}}$, $\sqrt{\text{PATRÍCIA}}$, ...};
- d. [Eval] $\leftrightarrow \Sigma_2$ ($\sim \Sigma_{\text{acentuado}}$) / { $\sqrt{\text{ELIZABETH}}$, $\sqrt{\text{ANTÔNIA}}$, $\sqrt{\text{EDNEIA}}$, ...}.

A alomorfia contextual observada nos casos de hipocorização analisados neste artigo obedece às restrições de localidade para a alomorfia contextual, a saber, ciclicidade e adjacência, propostas por Embick (2010). Segundo o autor, núcleos não cíclicos que se encontram em um domínio externo podem apresentar alomorfia contextual somente se eles estão linearmente adjacentes ao elemento desencadeador da alomorfia. Dessa forma, o núcleo não cíclico [Eval] pode ter seu conteúdo definido com base na raiz à qual ele se adjunge porque o categorizador n é nulo, de modo que a raiz e o morfema avaliativo se encontram em posições linearmente adjacentes após a linearização da estrutura no ramo de PF.

Para os casos de variação, isto é, casos em que um mesmo antropônimo pode formar hipocorísticos diferentes e, portanto, selecionar itens de vocabulário

¹⁵ Conforme aponta um(a) parecerista anônimo(a), os índices 1 e 2 (em 7a e 7b) não podem ser responsáveis pela informação acerca do padrão fonológico a ser selecionado. Na proposta atual, a escolha do padrão fonológico é dada, na verdade, pela raiz, a qual, na configuração de alomorfia contextual assumida, desencadeia a seleção de um alomorfe supletivo específico, o qual é um dos afixos prosódicos assumidos em (7) e que desencadeia a ativação de um ranking específico de restrições fonológicas de modo a se realizar o mapeamento entre a informação prosódica abstrata contribuída pelo afixo prosódico e uma forma fonética pronunciável.

diferentes, assumimos, como hipótese inicial, que uma mesma raiz pode estar listada nas especificações contextuais de mais de um item de vocabulário. Por exemplo, a raiz Felipe pode aparecer na especificação contextual de σ_1 (formando Fê) e de Σ_2 (formando Lipe); a raiz Isabela pode aparecer na especificação contextual de Σ_1 (formando Isa) e Σ_2 (formando Bela), mas não na especificação de σ_1 (*I, *Sa); num caso como Bruno, por exemplo, o morfema avaliativo pode ser realizado pelo item de vocabulário σ_2 (formando Bru) ou pelo sufixo de diminutivo (formando Bruninho).

O mapeamento de segmentos do antropônimo para o hipocorístico, em nossa proposta, é feito pela interação entre restrições fonológicas. As restrições que levam à seleção do *output* ótimo estão sintetizadas em (8). (8a), (8b) e (8c) são restrições de ancoragem que indicam a porção do antropônimo a ser mantida; as restrições (8d), (8e) e (8f) são restrições prosódicas que dizem respeito à configuração prosódica dos hipocorísticos; e (8g) e (8h) são restrições de marcação que advogam em favor de certas configurações estruturais.

(8) Restrições para a hipocorização

- a. ANCHORLEFT: manutenção do conteúdo segmental proeminente à esquerda;
- b. ANCHORRIGHT: manutenção do conteúdo segmental proeminente à direita;
- c. MAXSTRESS: manutenção da vogal acentuada;¹⁶
- d. PROMMAX: todo segmento deve estar em uma sílaba proeminente (há somente uma sílaba maximamente preenchida);¹⁷
- e. FOOTBINARITY: todos os pés devem ser binários;
- f. PARSE σ : toda sílaba deve estar vinculada a um pé;

¹⁶ *Grosso modo*, assumimos a diferenciação feita por Alber e Arndt-Lappe (2023) entre restrições de alinhamento, que são graduais, isto é, contam violações relacionadas a cada segmento que existe entre a posição analisada e a fronteira especificada na restrição, e restrições acentuais, que não são graduais, isto é, tal restrição apresenta ou não uma violação (a vogal acentuada é ou não mantida).

¹⁷ Restrição de tamanho assumida com base em Arndt-Lappe (2008) para dar conta dos padrões de truncamento monossilábicos.

- g. ONSET: todas as sílabas devem ter *onset* preenchido;¹⁸
- h. *COMPLEXONSET: o *onset* silábico não pode ser ramificado.

Para a proposta aqui desenvolvida, assumimos, com base em Lee (1995, 2023), que a acentuação no português brasileiro leva em conta a formação de troqueus e iambos silábicos – uma posição distinta é tomada por outros autores como Massini-Cagliari (1995), por exemplo, que defende que o troqueu moraico é o pé básico do português. Foge ao escopo deste artigo discutir especificamente a questão acentual e como se dá a atribuição de acento e a formação de domínios prosódicos num modelo como a MD – um ponto que não parece não ter sido muito explorado na literatura e sobre o qual não há um consenso. Para a proposta que trazemos, assumimos que a hipocorização tem acesso à forma silabificada e acentuada do antropônimo correspondente, de modo que a restrição de ancoragem acentual diz respeito à manutenção da vogal acentuada da forma de base no hipocorístico. Para os casos de ancoragem à esquerda, todavia, será necessário, em trabalhos futuros, descrever como se daria a acentuação dessas formas, visto que a acentuação pode variar (Manu é oxítônica enquanto Lari é paroxítônica); como hipótese inicial, podemos avaliar que, nesses casos, uma restrição como WSP (do inglês, *Weight to Stress*), que determina que sílabas pesadas sejam acentuadas, dê conta do padrão acentual observado, o que implica que, para os casos de ancoragem à esquerda, a pauta acentual do antropônimo é desconsiderada.¹⁹

Em (9), (10), (11) e (12) trazemos os *tableaux* para cada um dos afixos prosódicos especificados, os quais dão conta dos padrões de formação de hipocorísticos.²⁰

¹⁸ Segundo Alber e Arndt-Lappe (2023), truncamentos formados por ancoragem à esquerda com queda da vogal inicial indicam a interação entre uma restrição de marcação como ONSET e as restrições de ancoragem, inibindo, dessa forma, a ancoragem perfeita à fronteira, de modo que o truncamento se ancora o mais próximo possível à fronteira relevante.

¹⁹ Agradecemos a um(a) parecerista anônimo(a) por ter ressaltado o fato de que os hipocorísticos com ancoragem acentual podem variar em termos acentuais. O(a) próprio(a) parecerista aponta uma possibilidade de resolução para esse problema a partir do acréscimo de restrições, assunção inicial que seguimos num primeiro momento, mas à qual pretendemos retornar em trabalhos futuros.

²⁰ Agradecemos a um(a) parecerista anônimo(a) pelas contribuições fundamentais para a reformulação das restrições assumidas e dos *tableaux* apresentados. Por exemplo, agradecemos

(9) *Tableau* para a formação do hipocorístico Manu (Manuela)²¹

/ma.nu.ɛ.la/ + Σ1	ANCHORLEFT	FOOTBINARITY	PARSE _σ	MAXSTRESS
a. ma.n <u>u</u>				*
b. <u>ma</u>		*!		*
c. ɛ.la	*!***			
d. <u>la</u>	*!***	*		*
e. ma.nu.ɛ		*!	*	

Em (9), temos o *tableau* que sistematiza a formação do hipocorístico Manu, a partir de Manuela. Nele, podemos perceber que as restrições ANCHORLEFT, FOOTBINARITY e PARSE_σ não estão em uma relação de dominância entre si, mas ambas dominam MAXSTRESS. O candidato (9)b perde a competição porque não forma um pé com duas sílabas, os candidatos (9)c e (9)d perdem competição por não manterem o conteúdo da fronteira esquerda da base e o candidato (9)e perde a competição por formar um pé binário e uma sílaba não vinculada a nenhum pé. Assim, o candidato (9)a é o vencedor porque satisfaz as restrições de maneira mais satisfatória ao manter a fronteira esquerda da base e ao formar um pé binário através da manutenção da primeira e da segunda sílabas da base, ainda que, para isso, ele não mantenha a vogal acentuada da base.

(10) *Tableau* para a formação do hipocorístico Beth (Elizabeth)

/e.li.za.bɛ.ti/ + Σ2	MAXSTRESS	FOOTBINARITY	PARSE _σ	ANCHORLEFT
a. e.li	*!			
b. <u>e</u>	*!	*		
c. <u>bɛ</u> .ti				*****
d. <u>bɛ</u>		*!		*****
e. ti	*!	*		*****
f. za.bɛ.ti			*!	***

por ele(a) ter apontado um efeito de limitação harmônica existente nos *tableaux* trazidos na versão inicial deste artigo.

²¹ Aqui, optamos por representar a forma de *output* da base já em seu conteúdo fonológico e a forma do morfema avaliativo como o afixo prosódico selecionado (morfologicamente teríamos a raiz categorizada MANUELA concatenada ao morfema EVAL). Para os *tableaux*: . indica separação de sílaba e sublinhado significa sílaba acentuada.

Em (10), temos o *tableau* que sistematiza a formação do hipocorístico Beth, a partir de Elizabeth. Nele, podemos perceber que as restrições MAXSTRESS FOOTBINARITY e PARSE σ não estão em uma relação de dominância entre si, mas todas dominam ANCHORLEFT. Os candidatos (10)a, (10)b e (10)e perdem a competição por não realizar a ancoragem acentual, o candidato em (10)d perde a competição por não realizar um pé binário (ele apenas mantém a sílaba acentuada da forma de base, sem a sílaba final) e o candidato (10)f perde a competição por criar um pé binário e uma sílaba não vinculada a nenhum pé. Assim, o candidato (10)c é o vencedor porque satisfaz as restrições de maneira satisfatória ao manter a vogal acentuada da forma de base e a sílaba final da base para formar um pé binário, ainda que, para isso, ele não mantenha a fronteira esquerda da base.

(11) Tableau para a formação do hipocorístico Du (Eduarda)²²

/e.du.ar.da/, σ_1	ONSET	ANCHORLEFT	PROMMAX	MAXSTRESS
a. e	*!			*
b. e.du	*!		*	*
c. du du		*		*
d. du.ar.da	*!	*	*	
e. da		***!***		*
f. du.da		*	*!	*

Em (11), temos o *tableau* que sistematiza a formação do hipocorístico Du, a partir de Eduarda. Nele, podemos perceber que a restrição ONSET domina todas as demais restrições, enquanto as restrições ANCHORLEFT e PROMMAX não estão em uma relação de dominância entre si, mas ambas dominam MAXSTRESS. Os candidatos (11)a, (11)b e (11)d perdem a competição por possuírem sílabas sem *onset* preenchido, o candidato (11)e perde a competição por apresentar várias violações de ancoragem à esquerda e o candidato (11)f perde a competição porque

²² Conforma aponta um(a) parecerista anônimo(a), a proposta deixa de explicar por que se pode formar Du para Eduarda, mas Edu para Eduardo. Com base na proposta feita neste artigo, poderíamos assumir que Eduarda e Eduardo são raízes diferentes e, portanto, fazem parte de especificações contextuais diferentes que dizem respeito aos itens de vocabulário σ_1 e Σ_1 , respectivamente. Um ponto que deve ser observado em trabalhos futuros é se, nesse caso, não teríamos a mesma raiz com marcações de gênero diferentes.

há a formação de um dissílabo. Assim, o candidato (11)c é o vencedor porque, apesar de possuir uma violação de ancoragem à esquerda devido à queda da vogal inicial, ele apresenta a melhor performance nas restrições de ancoragem à esquerda e de proeminência máxima.

(12) *Tableau* para a formação do hipocorístico Dé (André)

/an.drɛ/, σ ₂	*COMPLEXONSET	MAXSTRESS	PROMMAX	ANCHORLEFT
a. <u>an</u>		*!	*	
b. an. <u>dɛ</u>			*!	
c. an <u>dɛ</u>				**
d. <u>drɛ</u>	*!			**
e. a. <u>rɛ</u>			*!	
f. <u>ɛ</u>				***!*

Em (12), temos o *tableau* que sistematiza a formação do hipocorístico Dé, a partir de André. Nele, podemos perceber que as restrições *COMPLEXONSET, MAXSTRESS e PROMMAX não estão em uma relação de dominância entre si, mas todas dominam ANCHORLEFT. O candidato (12)a perde a competição por não realizar a ancoragem acentual (ele mantém a parte inicial da base) e os candidatos (12)b e (12)e perdem a competição por não terem todos os segmentos do hipocorístico vinculados à mesma sílaba (formam-se dissílabos). O candidato (12)d, que difere do candidato (12)c unicamente pela presença de um *onset* complexo, perde a competição porque viola a restrição de marcação; o candidato (12)f perde a competição porque, apesar de ter uma performance semelhante à performance do candidato (12)c em três das quatro restrições, ele apresenta mais violações de ancoragem à esquerda. Portanto, o candidato ótimo é o candidato (12)c.

Em termos semântico-pragmáticos, consideramos que a Enciclopédia interpreta a derivação sintática com base na soma do significado comum do antropônimo e da camada afetiva veiculada pelo morfema avaliativo.

5 Considerações finais

Nesse artigo, investigamos as tendências de boa formação dos hipocorísticos no PB e chegamos à conclusão de que, contrariamente ao que autores como Mattiello (2013) defendem, a formação dos hipocorísticos é previsível e gramatical: ela está baseada em tendências morfofonológicas bem definidas e é dada pela interação entre diferentes módulos da gramática do falante, mais especificamente, pela relação entre sintaxe concatenativa e fonologia pós-sintática baseada em restrições.

As tendências morfofonológicas foram elencadas com base na análise de um *corpus* de 100 antropônimos. O resultado principal a que chegamos foi o de que os hipocorísticos tendem a manter posições salientes do antropônimo (fronteira esquerda e sílaba acentuada), dado que tais posições permitem um reconhecimento morfofonológico mais eficaz. Além disso, observamos que os hipocorísticos são essencialmente monossílabos ou dissílabos.

Em termos teóricos, propomos uma análise no cerne da MD que leva em conta o modelo híbrido proposto por Haugen (2011) no qual a morfologia não-concatenativa é derivada da interação entre uma sintaxe concatenativa e uma fonologia pós-sintática baseada na interação entre restrições fonológicas. Propusemos que os hipocorísticos são formados sintaticamente por uma raiz categorizada por um nominalizador e por um morfema avaliativo responsável pela leitura semântico-pragmática de afetividade. Tal morfema recebe itens de vocabulário que são prosodicamente pré-determinados (são sílabas ou pés), mas segmentalmente deficientes. Seu conteúdo segmental é preenchido com base na atuação de restrições de ancoragem (de acento e de fronteira esquerda), de boa formação prosódica e de marcação.

Referências

- ALBER, Birgit. *The Foot in Truncation*. Handout (CUNY Conference on the Foot), 2009.
- ALBER, Birgit; ARNDT-LAPPE, Sabine. *A Universal Typology of Truncation*. Handout (15th Manchester Phonology Meeting), 2007.

_____. Templatic and subtractive truncation. In: TROMMER, J. (ed.). *The Morphology and Phonology of Exponence: The State of the Art*, Oxford University Press, Oxford, 2012, p. 289-325.

_____. Anchoring in truncation: A typological analysis. *Natural Language & Linguistic Theory*, 2022.

ALBER, Birgit; ARNDT-LAPPE, Sabine; KOKKELMANS, Joachim. *Truncation, clippings and blends: universal structures and their variation*. Slides (54th Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, Athens), 2021.

BECKMAN, Jill. Positional Faithfulness: Positional Neutralization and Shona Vowel Harmony. *Phonology*, 14, p. 1-46, 1997.

BENUA, Laura. Identify effects in morphological truncation. In: BECKMAN, J. (ed.). *Papers in Optimality Theory*, Rutgers, v. 18, n. 1, p. 77-136, 1995.

BYE, Patrik; SVENONIUS, Peter. Non-concatenative morphology as epiphenomenon. In: TROMMER, J. (ed.). *The Morphology and Phonology of Exponence: The State of the Art*, Oxford University Press, Oxford, 2012, p. 426-495.

EMBICK, D. *Localism versus globalism in morphology and phonology*. Cambridge, MA: MIT Press, 2010.

FRAMPTON, John. 2009. *Distributed Reduplication*. Cambridge, MA: MIT Press.

GONÇALVES, Carlos A. Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional. *Alfa*, São Paulo, n. 48, v. 1, p. 9-28, 2004.

_____. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*, v. 11, n. 21, p. 219-241, 2006.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. K. (orgs.). *The View from Building 20; Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, Berlin, v. 40, n. 3-4, p. 255-276, 2014.

HAUGEN, Jason. Reduplication in Distributed Morphology. *The Coyote Papers* 18, University of Arizona Linguistics Department, p. 1-27, 2011.

INKELAS, Sharon. The Role of Morphology in Generative Phonology, Autosegmental Phonology, and Prosodic Morphology. In: HIPPISEY, A.;

STUMP, G. (orgs.) *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge University Press, 2016, p. 513-549.

KASTNER, Itamar; TUCKER, Matthew. *Non-concatenative morphology*. Draft, 2020. Disponível em: <https://blogs.ed.ac.uk/itamar/wp-content/uploads/sites/1083/2020/07/kastner-tucker20.pdf>.

KÖRTVÉLYESSY, Livia. Evaluative morphology and language universals. In: GRANDI, N.; KÖRTVÉLYESSY, L. *Edinburgh Handbook of Evaluative Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015, p. 61-73.

LAPPE, Sabine. *Truncation and Exponence: how small can you get?* Handout (DFG Network Core Mechanisms of Exponence), 2008.

LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e Fonologia lexical do português do Brasil*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 1995.

_____. Acento e sua relação com a morfologia no português. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-16, jan.-dez. 2023.

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't try Morphological Analysis in the privacy of your own Lexicon. In: DIMITRIADIS, L. S.; SUREK-CLARK, C.; WILLIAMS, A. (orgs.) *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*, v. 4, n. 2, p. 201-225, 1997.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação no Português*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas, 1995.

MARANGONI JUNIOR, César Elidio. *A blendividade na formação de palavras: a derivação dos blends na interface entre morfologia, fonologia e pragmática*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021a.

_____. Morfologia Avaliativa em Morfologia Distribuída. *CADERNO DE SQUIBS: TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM*, v. 7, p. 94-110, 2021b.

MARTINI, L. *Morfologia Prosódica do Português Brasileiro*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – UFMG, Belo Horizonte, 2010.

MATTIELLO, Elisa. *Extra-grammatical morphology in English: Abbreviations, blends, reduplicatives, and related phenomena*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013.

McCARTHY, John; PRINCE, Alan. The emergence of the unmarked: Optimality in prosodic morphology. *NELS 24*, Amherst, p. 333-379, 1994.

_____. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J.; DICKEY, L.; URBANCZYK, S. (eds.). *UMOP*, GLSA, Amherst, MA, p. 249-384, 1995.

_____. Prosodic morphology 1986. *Technical Report 32*, Rutgers University Center for Cognitive Science, 1996.

_____. Prosodic Morphology. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. (eds). *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998, p. 283–305.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar*. New Brunswick: Rutgers University, University of Colorado, 1993.

RAIMY, Eric. 2000. *The Phonology and Morphology of Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter.

SCHER, Ana Paula. *Por menos morfologia não concatenativa: uma análise localista para as formas nominais truncadas no português brasileiro*. Tese (livre docência). São Paulo, 2018.

SCHER, Ana Paula; MARANGONI JUNIOR, César Elidio. Novas evidências em favor de um morfema avaliativo [EVAL]: formas nominais truncadas e blends em português brasileiro. *Fórum Linguístico*, v. 17, p. 4636-4657, 2020.

TROMMER, Jochen. *Distributed Optimality*. Alemanha: Potsdam University Press, 2001.

_____. *(Non-)concatenative Morphology*. Handout (Concatenative Approaches to Nonconcatenative Morphology EGG), 2008.

TROMMER, Jochen; ZIMMERMANN, Eva. Generalised mora affixation and quantity-manipulating morphology. *Phonology*, v. 31, n. 3, p. 463-510, 2014.

ZIMMERMANN, Eva; TROMMER, Jochen. Portmanteaus as generalized templates. In: RENNER, V.; MANIEZ, F.; ARNAUD, P. J. L. (eds). *Cross-disciplinary Perspectives on Lexical Blending*. Walter de Gruyter, Berlin, 2012, p. 233–258.

[Artigo recebido em 28 de fevereiro de 2023 e aceito em 11 de junho de 2023.]